



PACE, Enzo; OLIVEIRA, Irene Dias de; AUBRÈE, Marion (Org.).
Fundamentalismos religiosos, violência e sociedade.

São Paulo: Fonte Editorial; Edições Terceira Via, 2017. 167 p.
ISBN: 978-85-92509-26-2.

Sheila Santos Carvalho Ribeiro *

Trata-se de uma coletânea organizada por Irene Dias de Oliveira (Brasil), Marion Aubrée (França) e Enzo Pace (Itália). Chama de imediato a atenção do leitor e da leitora a capa com a imagem de François Dubois, o *Massacre de São Bartolomeu*, que confere valor e reforça as questões complexas discutidas na obra. São nove artigos que tratam de forma interdisciplinar a questão dos fundamentalismos religiosos e as várias formas de violência legitimadas pelas interpretações que os adeptos das mais diferentes religiões fazem de suas teologias e textos sagrados.

Enzo Pace e Marion Aubrée discutem sobre as diferentes formas de fundamentalismos no âmbito do islamismo. O autor chama a atenção para o fato que não se pode associar o fundamentalismo ao islamismo; e com uma análise crítica consistente mostra como o fundamentalismo se constitui num instrumento dos movimentos religiosos e políticos dos últimos anos e aponta para as luzes e

Resenha recebida em 28 de agosto de 2017 e aprovada em 16 de outubro de 2017.

* Mestranda em Ciências da Religião no PPGCR da PUC Goiás. Docente na Faculdade Serra da Mesa (FASEM), GO. País de origem: Brasil.
E-mail: sheila.com@hotmail.com.

sombras de tal fenômeno em nossas sociedades. Marion Aubrée com uma crítica contundente apresenta as várias nuances do fundamentalismo mulçumano na França após os ataques que atingiram Paris em 2015. Para a autora, o contexto político e social, a desculturação, o desemprego, a humilhação dos imigrantes, entre outros fatores, podem ser considerados elementos para fomentar ações violentas.

Gino Battaglia (Inglaterra), ensaísta e pesquisador do hinduísmo, aponta para a complexidade política, cultural e religiosa da Índia e mostra como o fundamentalismo, na maioria das vezes, é uma simplificação que se apossa das pessoas que, na Índia, se encontram subjugadas pelo cotidiano e são confrontadas com a diversidade e complexidade em um mundo que muda rapidamente (p.41). Ainda sobre as religiões orientais é apresentada a violência legitimada em algumas práticas do budismo em relação aos direitos das mulheres, em diferentes contextos e também no Brasil. Silas Guerriero (Brasil) chama a atenção para as posturas rígidas e fundamentalistas que geram clima de intolerância e violência nos movimentos da Nova Era que, geralmente, são identificados como pacíficos, holísticos e integradores. Na mesma linha, as pesquisadoras das religiões afro-brasileiras, Dilaine Soares Sampaio e Nilza Menezes, mostram como nestas religiões é possível identificar atitudes de ‘cunho fundamentalista’. Por meio de pesquisas realizadas nas redes sociais apresentam as tensões e a complexidade das relações de poder no âmbito dessas religiões, embora pareça normal pensar que no âmbito dessas religiões estas tensões não existam.

César Ceriani Cernadas (Argentina) se debruça sobre o fundamentalismo e integrismo católicos na Argentina a partir de uma análise rica e interessante sobre a religião, a cidade, a arte, as imagens e o espaço público. No Brasil os pesquisadores Flávio Sofiati e Péricles Andrade apresentam as várias formas de reação ao Papa Francisco no âmbito dos ‘coletivos conservadores’ a partir da análise do blog católico *O Catequista*.

A pesquisadora brasileira Kathlen Luana de Oliveira reflete sobre como a religião, em especial a cristã, e suas interpretações teológicas podem justificar a violência e a exclusão. Com uma abordagem consistente e profunda a autora discute a questão dos direitos humanos, da terra e de gênero e tenta desvincular os argumentos teológicos que justificam e legitimam as violências e as negações de direito.

Não é interesse dos autores e autoras encerrar a discussão, mas ampliar o debate, provocar e trazer à tona novos problemas e perspectivas. Espera-se, ao fechar o livro e visualizar na capa o massacre de São Bartolomeu, que o fato que surgiu para separar católicos e protestantes nos faça refletir sobre a importância do acolhimento e do reconhecimento das diferenças e que o leitor e a leitora sejam provocados e instigados a refletirem e a trazerem para a academia novos desafios e novas possibilidades para uma sociedade justa, solidária e pacífica.